

**O QUE É A  
*DASEINANALYSE?***

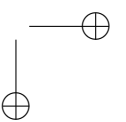
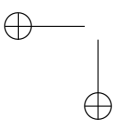
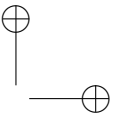
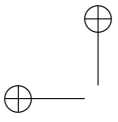


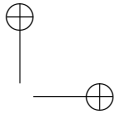
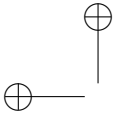
Françoise Dastur

2005

**Tradutor:  
Ana Falcato \* IFL/ UNL**

[www.lusosofia.net](http://www.lusosofia.net)





LUSOSofia:press

FICHA TÉCNICA

Título: *O que é a Daseinsanalyse?*

Autor: Françoise Dastur

Colecção: Artigos LUSOSOFIA

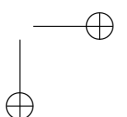
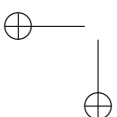
Direcção: José Rosa & Artur Morão

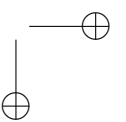
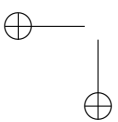
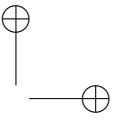
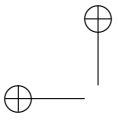
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

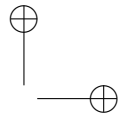
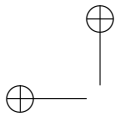
Composição & Paginação: José M. S. Rosa

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2012







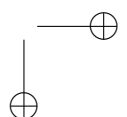
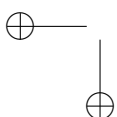
## O que é a *Daseinsanalyse*?\*

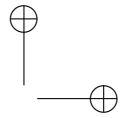
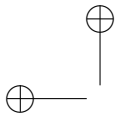
Françoise Dastur

O termo “Daseinsanalyse” apareceu pela primeira vez em 1927 na obra-mestra de Martin Heidegger, *Ser e Tempo*. Foi imediatamente traduzido para francês por “analyse existentielle”. Mas esta denominação está na origem de um contra-senso sobre o sentido original que Heidegger deu ao termo Dasein: é essa a razão pela qual tomámos o hábito de conservar o termo alemão Dasein, mesmo em francês. Este termo, que significa literalmente “ser-aí”, é aquele pelo qual a filosofia alemã traduziu, depois de Kant, o latim *existentia*, mas Heidegger deu-lhe um sentido muito particular, já que designa na sua filosofia exclusivamente o ser do homem que, uma vez que a compreensão do ser lhe pertence, não pode ser definido de outro modo que como o modo de ser fora de si, como ex-istência – este termo não designando mais em Heidegger o simples facto de ser para um qualquer ente, mas exclusivamente o modo de ser próprio do Dasein. A compreensão efectiva que o Dasein tem de si mesmo é, pois, uma compreensão *existencial*. Mas aquilo que Heidegger designa por *análise existencial* ou *Daseinsanalyse* não se situa ao nível simplesmente “ôntico” do comportamento individual concreto, mas ao de uma explicitação

---

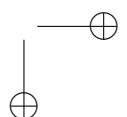
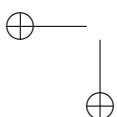
\*Artigo publicado originalmente em *Res Publica*, Revista da Associação de Filosofia da Universidade de Paris XII - Val de Marne, nº 22, Novembro-Dezembro-Janeiro 99/2000, pp. 41-45 e traduzido no âmbito do Projecto “Heidegger em Português”. A versão francesa apareceu igualmente em: DASTUR, Françoise. “Qu’est-ce que la Daseinsanalyse?” *Phainomenon* 11 (2005), 125-133.





temática da sua estrutura ontológica. A tarefa da *analítica existencial* consiste em distinguir e em analisar as modalidades de ser fundamentais do Dasein, os seus *existenciários*. A diferença entre “existencial” e “existenciário” deve ser claramente sublinhada: não há nível existenciário sem fundamento existencial, quer dizer, sem a compreensão que tem da sua própria existência um Dasein em cada caso singular. Mas a análise existencial, uma vez que não visa unicamente um Dasein particular, mas o Dasein como tal, constitui a *ontologia fundamental* que serve de solo a todas as ontologias regionais, que têm por tarefa elucidar o modo de ser dos entes diferentes do Dasein, daqueles que procedem, por exemplo, da região “natureza” ou “vida”.

É Ludwig Binswanger (1881-1966) o verdadeiro fundador da psiquiatria daseinsanalítica. Ludwig Binswanger, que dirigirá a partir de 1910 e até à sua morte a clínica Bellevue, fundada pelo seu pai em Kreuzlingen, na Suíça, encontrou Freud pela primeira vez em 1906 e não parou mais de se dar com este, como atesta a sua correspondência, um diálogo crítico que se estende sobre mais de trinta anos. É, com efeito, na crítica do psicologismo que dirige Husserl no primeiro tomo das suas *Investigações Lógicas*, aparecidas em 1900, e na sua redefinição da consciência em termos de intencionalidade e de sentido, que Binswanger vai encontrar os motivos para se opor ao naturalismo demasiado estreito de Freud. Começa então a designar a direcção da sua pesquisa, que se desenvolveu em relação com a fenomenologia husserliana, com o nome de “antropologia fenomenológica”, integrando-se assim na larga corrente da “antropologia fenomenológica”, que reuniu a partir dos anos 20, para além do próprio Binswanger, o neurologista Victor von Weizsäcker (*O círculo da estrutura*, aparecido em 1939), o neuropsiquiatra Erwin Strauss (*Sobre o sentido dos sentidos*, aparecido em 1935), e o psiquiatra francês Eugène Minkowski (*O tempo vivido*, 1933) e muitos outros ainda, que se reclamavam da obra de Jaspers (*Psicopatologia geral*, 1913, traduzida para francês desde



1933), mas também de Scheler, Kierkegaard, Brentano, Dilthey, Natorp, Lipps, Bergson, antes de sofrerem as influências decisivas de Husserl e de Heidegger.

A aparição de *Ser e Tempo* em 1927 permite a Binswanger descobrir que o ser do homem não é bem caracterizado pelos termos “consciência” ou “vida”, que são os de Husserl, mas que é ainda necessário ter em conta a sua *facticidade*, o que não é possível a não ser a partir da determinação heideggeriana do ser humano como Dasein e ser-no-mundo. O próprio Binswanger, que descobriu *Ser e Tempo* em 1928, só se decidirá a utilizar o termo “Daseinsanalyse” para substituir o de “Antropologia fenomenológica” em 1941. Em 1942 publica a sua obra maior *Grundformen und Erkenntnis menschlichen Daseins (Formas fundamentais e conhecimento da existência humana)*, na qual empreende uma espécie de explicação para o conceito fundamental de cuidado (*Sorge*) em Heidegger, que julgava insuficiente para dar conta da existência humana e ao qual acrescenta o de amor (*Liebe*).

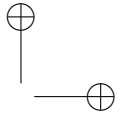
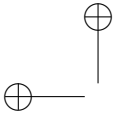
De Binswanger, conhecemos sobretudo, em França, para além do texto *Sonho e Existência* – publicado em 1954 com um longo prefácio de Michel Foucault, e graças às traduções feitas nos anos que seguiram a sua morte – os numerosos artigos que precedem e sobretudo seguem a aparição do seu livro mais importante e que foram reunidos em *Discursos, Percursos e Freud* (1970) e na *Introdução à análise existencial* (1971). Os últimos textos de Binswanger (*Melancolia e Mania*, aparecido em 1960 e *Delírio*, aparecido em 1965), que foram traduzidos nestes últimos anos pelos alunos do professor de psiquiatria marselhês Arthur Tatossian, esboçam um “retorno a Husserl”, que obedece à interpretação da fenomenologia husserliana oferecida por Wilhelm Szilazi, fenomenólogo húngaro instalado na Alemanha e autor de uma *Introdução à Fenomenologia de Edmund Husserl*, aparecida em 1959. A *Daseinsanalyse* de Binswanger está marcada, por oposição à psicanálise que nasceu de uma motivação propriamente terapêutica, por um

cuidado sobretudo científico, provindo de uma insatisfação relativamente ao défice de um fundamento epistemológico para a psicopatologia. É, pois, por um cuidado, em primeira análise metodológico, que Binswanger atacou o método das ciências naturais no campo da psiquiatria. Para tal, apoiou-se sobre a destruição heideggeriana do cartesianismo e da relação sujeito-objecto, relação que não hesita em apelar de “cancro” da ciência.

Depois da Segunda Guerra Mundial, uma nova escola de *Daseinsanalyse* é fundada em Zurich pelo psiquiatra Médard Boss (1903-1991), que tem por objectivo fundamental a aplicação da filosofia de Heidegger à prática terapêutica no campo das neuroses. Médard Boss encontrou Heidegger pessoalmente e organizou com ele, durante dez anos (de 1959 a 1969), na sua casa de Zollikon, os famosos seminários com o mesmo nome (*Zollikoner Seminare*), que reuniram sessenta médicos e psiquiatras. Publicou em 1971 a sua obra maior *Grundriss der Medizin und der Psychologie (As grandes linhas da Medicina e da Psicologia)*, cujo subtítulo “Rudimentos para uma fisiologia, psicologia, patologia, terapia, e para uma medicina preventiva conforme ao Dasein na sociedade industrial moderna” mostra a que ponto estava influenciado pelo pensamento de Heidegger, facto que o fará reler e corrigir pessoalmente o conjunto do manuscrito antes da sua aparição. É também o que explica que tenha seguido Heidegger na crítica que este fez à *Daseinsanalyse* psiquiátrica de Binswanger, a qual, querendo completar com o “amor” o “cuidado” heideggeriano, não compreendeu o sentido estritamente ontológico que Heidegger dava a este termo, que não designa um fenómeno ôntico, a saber, um comportamento concreto e particular do *Dasein*, mas antes o sentido unitário do ser deste.

Nos *Zollikoner Seminare* (vide pág. 162 e seguintes, sessão de 26 de Novembro de 1965), Heidegger esforça-se por redefinir com precisão o sentido do termo “Daseinsanalyse”. Para tal, é preciso explicar o que ele entende em *Ser e Tempo* por *Dasein-*

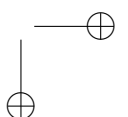
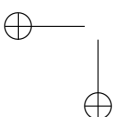


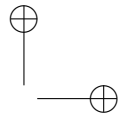
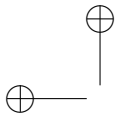


*sanalytik*. A analítica do Dasein consiste numa interpretação do ser-homem como Dasein. Não explicita o ser e constituição do homem a não ser na perspectiva da questão do ser em geral. Ora, o que há de decisivo na constituição do homem é a “compreensão do ser”, quer dizer, o facto de estar aberto ao Ser e que nele “vá o ser” (*Ser e Tempo*, §9). A analítica do Dasein não consiste apenas na elaboração das estruturas ontológicas do próprio Dasein, mas num questionamento das determinações que caracterizam o ser do Dasein, na sua relação com o ser em geral. Em *Ser e Tempo*, a elaboração da analítica do Dasein só foi colocada com relação à questão do ser, sendo esta limitada e deixada incompleta, porque apenas as estruturas da existência (os existenciários) que servem na elaboração desta questão acedem a uma explicação, sendo a tarefa essencial do filósofo a definição do ser do Dasein como cuidado e temporalidade. Ela não constitui, portanto, uma analítica completa do Dasein que pudesse servir de base a uma antropologia filosófica. Isso explica que os fenómenos como o amor ou o sonho, aos quais Binswanger atribui uma grande importância, não tenham nenhum papel em *Ser e Tempo*, já que não reenviam aos existenciários do ser-no-mundo e à solitudine, que são os únicos analisados nesta obra.

Heidegger distingue, de seguida, três significações diferentes do termo *Daseinsanalyse*:

1. Em *Ser e Tempo* o termo “Daseinsanalyse” significa a iluminação das determinações do Dasein ou, em outras palavras, dos existenciários, tais como “compreensão”, “disposição”, “discurso”, etc. Como Heidegger precisa nos *Zollikoner Seminare* (p. 148), não atribui ao termo “análise” o seu sentido científico moderno de recondução aos elementos, nem o seu sentido freudiano de dissolução dos sintomas em elementos explicativos, mas o seu sentido kantiano de recondução a uma unidade sistemática, sendo a

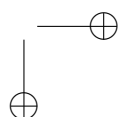
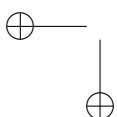


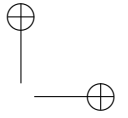
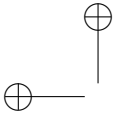


finalidade de Kant na “Analítica Transcendental” fazer aparecer a unidade originária da função do entendimento. Nesta perspectiva, analisar significa fazer aparecer a articulação da unidade de um conjunto estrutural, e é esse justamente o fim que persegue Heidegger na sua analítica do Dasein, mostrando o enraizamento dos existenciários na estrutura unitária do cuidado.

2. O termo “Daseinsanalyse” tem, no entanto, um outro sentido: o de colocar em evidência e de descrever os fenómenos que se mostram concretamente num Dasein singular. Trata-se aqui da Daseinsanalyse que pratica o médico e a análise na sua relação a um paciente. Esta análise, dirigida a um existente singular, orienta-se necessariamente a partir dos existenciários colocados em evidência na analítica do Dasein. Há, pois, uma relação de *fundação* entre a Daseinsanalyse ontológica de *Ser e Tempo* e a Daseinsanalyse médica. O médico considera, com efeito, os fenómenos particulares que aparecem na relação que estabelece com o seu paciente, à luz dos existenciários sob os quais podem ser subsumidos de forma global. Isso exige, antes de mais, da parte daquele que emprega a Daseinsanalyse médica ter a capacidade de compreender o seu próprio ser homem e o do seu paciente, como Dasein, e não apenas como homem no sentido tradicional deste termo, quer dizer, como *animal racional*.

3. Mas, a par da Daseinsanalyse médica propriamente dita, podemos ainda dar a este termo um terceiro sentido, segundo o qual designa o conjunto de uma possível disciplina que tem por objetivo expor de maneira coerente os fenómenos existenciais a que podemos assistir no Dasein socio-histórico e individual, no sentido de uma antropologia ôntica que tenha recebido a marca da analítica do Dasein. Trata-se, pois, de uma antropologia existencial que interpreta os fenómenos existenciais do Dasein a partir do horizonte da analítica existencial do Dasein e que substitui a antropologia tra-



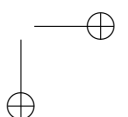
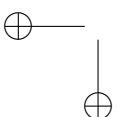


dicional, fundada sobre a interpretação do homem como *animal racional*. Uma tal antropologia conforme à analítica existencial pode ser, ela mesma, dividida em antropologia da normalidade e em patologia daseinanalítica. Heidegger precisa que a elaboração de uma tal “Daseinsanalyse” antropológica não pode consistir numa simples clarificação dos fenómenos considerados, mas deve também ser constantemente orientada com relação à existência histórica concreta do homem de hoje em dia, quer dizer, do homem das sociedades industriais.

A Daseinsanalyse médica apoia-se sobre os elementos fornecidos pela Daseinsanalyse antropológica, mas enquanto prática terapêutica não se confunde com esta última, que tem uma tarefa propriamente científica, correspondendo à Daseinsanalyse no primeiro sentido, à qual Heidegger dá um alcance apenas ôntico.

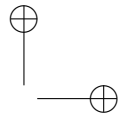
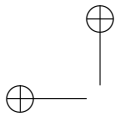
No seu exame crítico da Daseinsanalyse psiquiátrica de Binswanger, Heidegger sublinha a importância da compreensão do ser como base e traço fundamental do Dasein. Todos os existenciários são caracteres deste último, já que o que Binswanger reteve de *Ser e Tempo* foi o ser-no-mundo, sem reparar que este existencial é ele mesmo fundado sobre a compreensão do ser: não compreendeu, portanto, que não é o ser-no-mundo que é a condição do Dasein, mas antes o contrário. O que significa, aos olhos de Heidegger, que a sua Daseinsanalyse não é verdadeiramente uma análise existencial, mas uma interpretação existencial do Dasein de facto.

A distância que se cavou entre Binswanger e Freud, não obstante o diálogo mantido até à morte do último, e mais ainda com Boss, que rejeita a ideia de inconsciente psíquico e o fosso que separa a psicanálise ortodoxa fundada sobre a metafísica freudiana e a Daseinsanalyse, que se apoia sobre a analítica existencial de Heidegger, estiveram na origem da institucionalização do pensamento daseinsanalítico. Em 1971, foi criado em Zürich o “Instituto Daseinsanalítico de Psicoterapia e de Psicossomática, Fundação Me-



dard Boss”, cujo director foi, até ao último ano, o Professor Gion Condrau, doutor em medicina e em filosofia, e autor de várias obras versando sobre a Daseinsanalyse, das quais se destaca uma aparecida em 1992, sobre Sigmund Freud e Martin Heidegger. Em 1973 foi criada a Associação Internacional de Daseinsanalyse, que compreende um certo número de organizações filiadas na Europa e na América, entre as quais a Escola Francesa de Daseinsanalyse, fundada em 1993 por filósofos e psiquiatras.

A fundação da Escola Francesa de Daseinsanalyse tem a sua origem numa renovação recente da corrente de psiquiatria fenomenológica que, em expansão nos anos sessenta, em particular por causa do “retorno a Husserl” característico dos últimos trabalhos de Binswanger, ficou adormecida, sobretudo em França, nos anos setenta e oitenta, que foram fortemente marcados pela dominação da psicanálise lacaniana. Esta corrente permaneceu viva na Bélgica e na Suíça, e não desapareceu totalmente em França, onde foi representada pela Escola de Marselha, dirigida pelo psiquiatra Arthur Tatossian (1929 – 1995), a quem foi consagrado um dossier, em 1996, nos números 5 e 6 de *Arte de Compreender*. Autor, em 1979, de uma obra fundamental sobre “A fenomenologia das psicoses”, Arthur Tatossian foi em França a figura mais representativa da corrente da psiquiatria fenomenológica, e são certamente os seus alunos (os psiquiatras Jean-Michel Azorin e Jean Naudin) que, com o seu apoio, tornaram possível a criação da Escola Francesa de Daseinsanalyse. Foi por sua instigação que teve lugar, em Junho de 1997, em Marselha, o segundo Colóquio Internacional de Psiquiatria e de Filosofia, no qual participaram numerosos representantes, vindos do mundo inteiro, da Daseinsanalyse e cujas actas apareceram num número de *A Evolução Psiquiátrica*. Em Junho de 1999 foi organizado em Nice, pelos psiquiatras ligados à Daseinsanalyse – o professor D. Pringuey e o Doutor F.-S Kohl –, um terceiro Congresso internacional de Filosofia e Psiquiatria sobre o tema “Esqui-



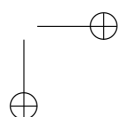
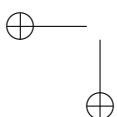
zofrenia e Identidade”, cujas actas apareceram no princípio do ano 2000.

É necessário, por fim, sublinhar, que o interesse pela psiquiatria fenomenológica e a Daseinsanalyse foi mantido vivo em França graças aos trabalhos do filósofo e fenomenólogo Henry Maldiney, que reuniu em 1991, em *Pensar o Homem e a Loucura*, uma parte dos numerosos textos que consagrou à psiquiatria fenomenológica e à Daseinsanalyse.

Entre as figuras marcantes da psiquiatria fenomenológica que foram profundamente influenciadas pela análise existencial de Heidegger, é mister citar os nomes de Tellenbach, Blankenburg e Kimura.

Hubertus Tellenbach (1914-1994) foi, de 1972 a 1979, o director do departamento de psicopatologia clínica da Clínica Psiquiátrica de Heidelberg. Tellenbach cita muito frequentemente Heidegger e a corrente de pensamento a que ele se liga, como Blankenburg e van Baeyer, com os quais forma o grupo de Heidelberg, combinando as contribuições de Husserl e de Heidegger e o recurso à filosofia para esclarecer a experiência clínica. Consagrou em 1960 uma obra fundamental à Melancolia na qual descreveu o *Typus melancholicus*, quer dizer, o tipo de personalidade caracterizado por uma ligação forte e hipertrofiada ao sentido do dever, que, por ocasião de uma situação patogénica (mudança de casa, promoção, doença, casamento, nascimento, luto, etc.) pode transformar-se em doente melancólico. Uma outra das suas obras, *Gosto e Atmosfera*, tem também uma tradução em francês. Um *dossier* foi-lhe consagrado depois da sua morte em *Arte de Compreender*, n.º 4, 1996.

Wolfgang Blankenburg, nascido em 1928, estuda medicina em Friburgo e filosofia com Heidegger. Esteve em contacto estreito com Binswanger e fez parte do grupo de Heidelberg. Foi nomeado em 1979 professor de psiquiatria e director da Clínica universitária de Marburgo. Entre os seus numerosos trabalhos, um lugar especial



deve ser atribuído ao seu estudo sobre a esquizofrenia, “A perda da evidência natural”, surgido em 1971, situando-se, à vez, no encalce de Husserl e de Heidegger.

Kimura Bin, nascido em 1931, psiquiatra japonês tradutor de Binswanger, de Tellenbach e de Blakenburg, esteve por dois períodos na Alemanha, em Munique e Heidelberg, onde foi em 1969 professor associado, e inscreve-se, também ele, na corrente do grupo de pensadores de Heidelberg. O que podemos nomear de “fenomenologia do si” de Kimura desenvolve-se em estreita relação com as análises heideggerianas da temporalidade do Dasein, mas deixa um lugar importante às noções propriamente japonesas de *aïda* (dimensão interpessoal) e de *Jikaku* (auto-apercepção). Os seus *Ensaio de psicopatologia fenomenológica* foram traduzidos em francês em 1992 por um aluno de H. Maldiney.

## Bibliografia

### *Textos fundamentais*

Ludwig BINSWANGER, *Le Rêve et L'existence*, prefaciado por M. Foucault, Desclée de Brouwer, Paris, 1954.

Ludwig BINSWANGER, *Analyse existentielle et psychanalyse freudienne, Discours, parcours et Freud*, Traduzido por R. Lewinter e prefaciado por P. Fédida, Tel, Gallimard, 1970.

Ludwig BINSWANGER, *Introduction à l'analyse existentielle*, E. de Minuit, Paris, 1971 (volume que reúne uma série de conferências, traduzidas por J. Verneaux e R. Kuhn, prefaciado por R. Kuhn e H. Maldiney.)

Ludwig BINSWANGER, *Melancholie et Manie, Études phénoménologiques*, traduzido por J.- M. Azorin e Y. Totoyan, PUF, Paris, 1987.

Ludwig BINSWANGER, *Le Cas Suzanne Urban*, traduzido por J. Verneaux, Ed. Gérard Montfort, 27800, Brionne, 1988.

Ludwig BINSWANGER, *Delire, Contributions à son étude phénoménologique et daseinsanalytique*, traduzido por J. – M. Azorin e Y. Totoyan, Milão, Grenoble, 1993.

Ludwig BINSWANGER, *Henrik Ibsen, et le problème de l'auto-réalisation en art*, traduzido por M. Dupuis, com um posfácio de H. Maldiney, De Boeck Université, Bruxelas, 1996.

Ludwig BINSWANGER, *Le problème de l'espace en psychopathologie*, traduzido e prefaciado por C. Gros Azorin, PUM, Toulouse, 1998.

Wolfgang BLAKENBURG, *L'aperte de l'évidence naturelle*, traduzido por J. – M. Azorin e Y. Tatoyan, PUF, Paris, 1991.

Medard BOSS, *Introduction à la médecine psychosomatique*, PUF, Paris, 1959.

Medard BOSS, *Un psychiatre en Inde*, Fayard, Paris, 1971.

Medard BOSS, *“Il m'est venu en rêve”, Essais théoriques et pratiques sur l'activité onirique*, traduzido por C. Berner e P. David, PUF, Paris, 1989.

Sigmund FREUD-Ludwig BINSWANGER, *Correspondance 1908 - 1938*, Calmann-Lévy, Paris, 1995.

Martin HEIDEGGER, *Zollikoner Seminare*, Vittorio Klostermann, Frankfurt a. M., 1987, (Protocolos, conversas, cartas, publicados por Medard Boss, tradução francesa de Caroline GROS-AZORIN em preparação).

KIMURA Bin, *Écrits de psychopathologie Phénoménologiques*, traduzido por J. Boudierlique, com um posfácio de H. Maldiney, PUF, Paris, 1992.

Henry MALDINEY, *Penser l'homme et la folie a la lumière de l'analyse existentielle et de l'analyse du destin*, Milão, Grenoble, 1991.

Jean NAUDIN, *Phénoménologie et psychiatrie, Les voix et la chose*, PUM, Toulouse, 1997.

Arthur TATOSSIAN, *La phénoménologie des psychoses*, 1979, segunda edição: número fora da série da revista *L'Art du comprendre*, Julho, 1997.

Hubertus TELLENBACH, *La mélancolie*, PUF, Paris, 1979.

Hubertus TELLENBACH, *Gaût et atmosphère*, PUF, Paris, 1983.

### **Textos colectivos**

*Figures de la subjectivité, Approches phénoménologiques et psychiatriques*, estudos reunidos por Jean-François COURTINE, Edição do CNRS, 1992, contendo os textos de H. TELLENBACH, H. MALDINEY, A. TATOSSIAN e artigos de J. BENOIST, F. DASTUR e E. ESCOUBAS, sobre Medard Boss e Martin Heidegger.

*Phénoménologie et Psychanalyse, Étranges relations*, Ed. de Jean-Claude Beaune, Champ Vallon, Seyssel, 1998 (artigos de G. CHARBONNEAU sobre “Antropologia fenomenológica e fenomenologia psiquiátrica”, de F. DASTUR sobre “Fenomenologia e metapsicologia”, de J. NAUDIN sobre “A psicoterapia dos esquizofrénicos”, *inter alia*).

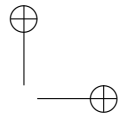
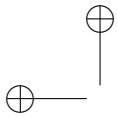
*Psychiatrie et existence (décadas de Cerisy, Setembro 1989)*. Textos reunidos por Pierre FÉDIDA e Jacques SCHOTTE, Milão, Grenoble, 1991.

### **Revistas**

*L'évolution psychiatrique*, número de Junho de 1997 consagrado à publicação das actas do II Colóquio Internacional de Psiquiatria e de Filosofia de Marselha, intitulado *Vulnérabilité et Destin: Phénoménologie de la psychiatrie*.

*L'Art du Comprendre*, revista fundada em Março de 1994 pelo psiquiatra Georges CHARBONNEAU. O *dossier* central do número





8, aparecido em Fevereiro de 1999, trata do inconsciente fenomenológico.

**A Escola Francesa de “Daseinsanalyse”** foi criada em Outubro de 1993, sobre o impulso dado pelo *Colóquio Europeu de Fenomenologia Clínica*, organizado por iniciativa do Doutor P. Jonckheere, da Universidade Católica de Lovaina, e do Professor R. Brisart, da Faculdade Universitária de St. Louis, que teve lugar em Março de 1993, em Bruxelas. Presidida por Françoise DASTUR, professora no Departamento de Filosofia da Universidade de Nice, conta entre os seus membros filósofos, psiquiatras, psicólogos e psicoterapeutas. Sob a responsabilidade da sua presidência, tem lugar, desde o Outono de 1993, um duplo seminário mensal de psicologia fenomenológica e de psiquiatria fenomenológica. Este seminário tem lugar num Sábado em cada mês, da parte da tarde, na Sorbonne.

